

Anna Działak-Szubińska 

Universidade de Varsóvia

anna.dzialak-szubinska@uw.edu.pl

***D. Teresa. Uma mulher que não abriu mão do poder*
(2015) de Isabel Stilwell**
A imagem da mãe de D. Afonso Henriques revisitada

Resumo:

O artigo foca-se no romance *D. Teresa. Uma mulher que não abriu mão do poder* (2015) de Isabel Stilwell. Pretende-se mostrar como a autora cria “a «sua» Teresa” (Stilwell, 2015: 503). Inicialmente apresenta-se a imagem *tradicional* de D. Teresa para depois se demonstrar como Isabel Stilwell a revisita. A matéria é analisada, entre outros aspetos, à luz dos estudos sobre o romance histórico. Alude-se igualmente aos estudos sobre a mulher no contexto da historiografia recente.

Palavras-chave: D. Teresa, Isabel Stilwell, romance histórico, história de Portugal, história das mulheres

Abstract:

***D. Teresa. Uma mulher que não abriu mão do poder* (2015) by Isabel Stilwell. The Image of Afonso I of Portugal’s Mother Revisited**

The article focusses on the novel *D. Teresa. Uma mulher que não abriu mão do poder* (2015) by Isabel Stilwell. It showcases how the author constructs ‘her Teresa’ (Stilwell, 2015, 503). At first, a traditional image of the countess is recalled with the aim to look into how it gets revisited by Stilwell. The analysis is conducted in the light of research on historical novel. Further references are made to research on women’s history.

Keywords: D. Teresa, Isabel Stilwell, historical novel, history of Portugal, women's history

Introdução

Os escritores modernos, empenhados em salvar a reputação moral de D. Teresa como mulher, esqueceram-se de lhe fazer justiça como rainha ou regente de Portugal. [...] Todavia durante catorze anos¹ os actos da viúva do conde D. Henrique mostram bem a perseverança e destreza com que buscou desenvolver e realizar o pensamento de independência que ele lhe legara (Herculano, [1846] 2007: 255).

Desta maneira Alexandre Herculano resume a prolongada desvalorização do papel de D. Teresa e as sucessivas tentativas da sua reinterpretação. Efetivamente o legado cronístico da mãe de D. Afonso Henriques demorou muito tempo a ser plenamente revisitado. Sustenta-se que é nesta vertente de releitura que se insere o romance histórico recentemente publicado por Isabel Stilwell – *D. Teresa. Uma mulher que não abriu mão do poder* (2015). No presente artigo pretende-se ver como Isabel Stilwell focaliza a personagem de D. Teresa sob uma ótica diferente da *tradicional*, revisitando-a com base nos estudos históricos atuais, mas igualmente debatendo sobre a natureza da própria historiografia. A matéria do romance será analisada, entre outros aspetos, à luz dos estudos dedicados ao romance histórico (Linda Hutcheon, Maria de Fátima Marinho).

¹ Na realidade foram dezasseis anos – o conde D. Henrique morreu em 1112 e D. Afonso Henriques tomou o poder em 1128. Para mais pormenores sobre os problemas na datação relativa à morte de D. Henrique vejam-se as notas de Alexandre Herculano e de José Mattoso na *História de Portugal*. Volume I ([1846] 2007: 259, nota 27; 260, nota 38; 723-726, nota VII; 825 notas críticas de 1 a 11a nota VII).

Antecedentes²

Ainda no século XII a batalha de São Mamede foi descrita nos respectivos anais como o momento em que a rainha D. Teresa junto com um grupo de usurpadores foi vencida por D. Afonso Henriques após um prolongado governo (*Chronica Gothorum*: 12, cf. Mattoso, 2006: 45; 69).

Posteriormente a imagem negativa da rainha cristalizou-se e tornou-se mais estereotipada. Nas narrativas surgiram as cenas dramáticas inscritas no imaginário português e repetidas em muitas fontes – D. Henrique moribundo em Astorga que chama D. Afonso Henriques para junto do seu leito de morte, D. Teresa que deserda o filho e casa em segundas núpcias com Fernão de Trava, a batalha em Guimarães em que D. Teresa fica presa junto com o segundo marido... Retratam-no assim por exemplo a III e a IV parte das *Crônicas Breves de Santa Cruz de Coimbra*, o *Livro das Linhagens do Conde D. Pedro* e a *Crônica de El-Rei Dom Afonso Henriques* de Duarte Galvão.

A criação da imagem positiva da rainha começa na segunda metade do século XVI. Já Luís Vaz de Camões, apesar de reproduzir a variante *tradicional*, começa nos *Lusíadas* com a história do conflito entre a mãe e o filho por meio das seguintes palavras: “Mas o velho rumor, não sei se errado, / Que em tanta antiguidade não há certeza” (Camões, 2007: III-29). Coloca portanto uma sombra de dúvida.

O processo de valorização começa, no entanto, com autores tais como João de Barros (*Décadas da Ásia*, 1563) e Fernão Oliveira (*História de Portugal*, 1581) (cf. Franco 2000), seguidos por António Brandão (*Terceira Parte da Monarquia Lusitana*, 1632) e outros. Eles negam as histórias medievais e criam as suas variantes em que D. Teresa entra no panteão nacional junto com D. Afonso Henriques e outros reis, santos e cavaleiros que engrandecem Portugal.

² O tema das mudanças da imagem de D. Teresa nas fontes narrativas portuguesas até ao século XVII foi tratado na tese defendida em 2016 na Universidade de Varsóvia: *Hrabina Teresa w narracjach o “dziejach początkowych” Portugalii. Między czarną a białą legendą. Studium sylwetki historycznej w świetle wybranych portugalskich źródeł narracyjnych do połowy wieku XVII*.

Posteriormente, parece que a imagem da mãe do primeiro monarca se revela ambígua o que transparece por exemplo em Alexandre Herculano – como historiador defende-a por exemplo na sua *História de Portugal* (1846), como romancista mostra a imagem negra por exemplo em *O Bobo (1128)*³ (1843).⁴

No início do século XXI, além de duas biografias de D. Teresa escritas por historiadores – *D. Teresa. A primeira rainha de Portugal* (2008) de Marsilio Cassotti e *A condessa-rainha Teresa* (2012) de Luís Carlos Amaral e Mário Jorge Barroca, é publicado também um romance histórico baseado no trabalho dos historiadores – *D. Teresa. Uma mulher que não abriu mão do poder* (2015) de Isabel Stilwell.

Acresce que o tema da fundação de Portugal tem sido ultimamente objeto de várias releituras tanto a nível académico, como mais popular (veja-se por exemplo *Segundo Congresso histórico de Guimarães. D. Afonso Henriques e a sua época*, 1996; vários livros e artigos de José Mattoso, entre outros *D. Afonso Henriques*, 2006; Diogo Freitas do Amaral, *D. Afonso Henriques: biografia*, 2000; Domingos Amaral, *Assim nasceu Portugal*, 2015-2017). Note-se que nas obras dos historiadores reconhecidos, tais como José Mattoso, também se volta a apresentar o quadro histórico anterior à batalha de São Mamede e a analisar o fatídico conflito entre a mãe e o filho (por exemplo Mattoso, 2006: 17-57).

O romance histórico *D. Teresa. Uma mulher que não abriu mão do poder* de Isabel Stilwell – (re)leitura

D. Teresa. Uma mulher que não abriu mão do poder é um romance histórico publicado em 2015 pela editora Manuscrito. A autora, Isabel Stilwell, é jornalista e escritora e, como ela própria confessa, também uma leitora assídua de romances históricos. Possui igualmente um *background* familiar e académico na área da História (Stilwell,

³ Por outro lado note-se que em *O Bobo (1128)* o real espírito maligno é Fernão de Trava com “alma repassada de maldade e de fel” (Herculano, 1972: 182).

⁴ Agradeço ao Professor István Rákóczi por chamar a minha atenção para esta duplicidade de Herculano.

2015: 501; 2015b: 9). Note-se que ela escreveu também outros livros dedicados a mulheres históricas, a saber: Isabel de Aragão, Filipa de Lencastre, Isabel de Borgonha, Catarina de Bragança, D. Maria II e D. Amélia. Por um lado, os seus interesses literários inserem-se na perceção *tradicional* da História-pátria focalizada em *grandes personagens*⁵, já que na sua mira estão as mulheres poderosas da história de Portugal. Por outro lado, precisamente por esta mesma razão ficam enraizados na História das mulheres, já que dão visibilidade à importância da mulher na História. A este respeito note-se que esta subdisciplina da História surgida nos anos 60, só entrou em Portugal após a Revolução dos Cravos, tendo ficado mais popular sobretudo a partir dos anos 80 (Silva e Rodrigues, 2011: 483). Ora, um dos ramos desta vertente são igualmente os estudos biográficos dedicados às rainhas (cf. Silva e Rodrigues, 2011: 497-498), entre os quais devemos contar ambos os livros sobre D. Teresa que claramente ajudaram Isabel Stilwell a traçar o percurso da mãe de D. Afonso Henriques e constam da bibliografia citada no final do romance *D. Teresa. Uma mulher que não abriu mão do poder*.

O romance contém vários apêndices: é acompanhado por uma árvore genealógica, um mapa, uma lista de *dramatis personae*, umas miniaturas medievais e documentos dos cartórios, fotografias de vários monumentos, uma nota explicativa da autora e, *last but not least*, precisamente uma vasta bibliografia. Embora esta última contenha livros como, por exemplo, um romance histórico sobre a rainha de Leão e Castela, Urraca, da autoria de uma escritora espanhola Ángeles de Irisarri, prevalecem obras académicas e de divulgação escritas por historiadores profissionais tais como Maria do Rosário Ferreira, José Mattoso, Bernard F. Reilly ou António José Saraiva e as obras recentes dedicadas a D. Teresa, entre elas *D. Teresa – a primeira rainha de Portugal* de Marsilio Cassotti e *A condessa-rainha Teresa* (2012) de Luís

⁵ “History as the politics of the past” como a chama Linda Hutcheon (1991: 95), aludindo à visão da História como narrativa focalizada em acontecimentos e personagens ditos importantes, i.e., como ela própria diz “the stories of kings, wars and ministerial intrigues” (Hutcheon 1991: 95).

Carlos Amaral e Mário Jorge Barroca (Stilwell, 2015: 510-511) que incluem dados rigorosos sobre a trajetória política de D. Teresa e de D. Henrique, o nascimento polémico de D. Afonso Henriques, o relacionamento de D. Teresa com Fernão de Trava, a morte de D. Teresa, etc., que Isabel Stilwell incorpora no percurso da sua personagem.

Ora, contrariamente às crónicas e de acordo com o título, o romance foca toda a vida de D. Teresa desde o nascimento até à morte, seguindo de perto cada um dos seus passos. Destaque-se que, além de usar na sua escrita factos históricos apresentados por Cassotti e outros historiadores, Isabel Stilwell cita igualmente documentos dos cartórios, ora incorporados no corpo do romance (Stilwell, 2015: 325, 409, 473), ora inseridos em forma de apêndice (Stilwell, 2015: sem número de página). Trata-se de diplomas originais, no caso dos documentos inseridos no corpo do romance traduzidos do latim para o português. Os documentos encontram-se no já mencionado livro de Amaral e Barroca *A condessa-rainha Teresa* (2014: 333-337; 341-343).

Por conseguinte, parece válido afirmar que Isabel Stilwell é consciente do valor da pesquisa e do método histórico, o que aliás ela própria diz sobre o seu trabalho. Ler, recolher dados, tentar perceber e só depois pensar no lado fictício da história – estes são os pilares em que, de acordo com as suas próprias palavras, se apoia o seu trabalho (Stilwell, 2015: 501-503). Ela própria compara o seu labor ao de uma jornalista, só que enraizado na História (Stilwell, 2015b: 9).⁶ Ora, curiosamente, ela não se identifica como uma romancista que trabalha com a ficção, mas como alguém que documenta e investiga a realidade só que a nível histórico. A propósito note-se que o trabalho de jornalista requer igualmente transparência e integridade moral. Identificando-se a si própria como “jornalista do passado” (Stilwell, 2015b: 9) Stilwell parece sugerir ao leitor que o seu trabalho de romancista cumpre estes requisitos e que, mesmo que ela não trabalhe com a História a nível académico, ela consegue escrever textos honestos e de boa qualidade.

⁶ “Sinto-me sempre jornalista do passado” – diz numa crónica publicada no *Jornal de Letras* (Stilwell, 2015b: 9).

Como destaca Maria de Fátima Marinho sobre o romance histórico tradicional: “A interligação diegese e História salda-se, frequentemente, pela inclusão de dados rigorosamente históricos no meio da intriga” (1999: 20). É precisamente o que acontece no caso deste romance. Diríamos até que Isabel Stilwell vai ainda mais longe – a própria matéria do romance é composta por “dados rigorosamente históricos”, só que focalizados nas personagens femininas, porque não é só D. Teresa que ganha mais visibilidade, mas igualmente a sua mãe, irmãs, filhas, tia... Neste aspeto o livro é inspirado na História das mulheres. Embora o romance seja focado nas mulheres poderosas, a perspetiva é, até certo ponto, *decentralizada* (cf. Hutcheon, 1991), trespassando ligeiramente a fronteira entre o *tradicional* e o inovador.

Por outro lado, a perspetiva narrativa do romance é plenamente conservadora. A recuperação pormenorizada do percurso de D. Teresa dá voz às suas ambições, motivações e aos mais íntimos desejos, ajudando a percebê-los e a desculpar certas decisões e comportamentos, mas fá-lo sem inovações linguísticas e formais ou tom paródico (cf. Hutcheon, 1991). O romance tem duas linhas narrativas – a primeira onde seguimos os passos de D. Teresa, narrada a partir dos diferentes sítios por onde ela se movimenta (Sahagún, Leão, Coimbra, Viseu, Líma, etc.) e a segunda onde vemos Ximena Muniz, sua mãe, mais passiva – narrada do castelo de Urvel e Bierzo. O narrador é onisciente, salvo em dois capítulos narrados por Ximena Muniz.

A história vê-se igualmente preenchida por cartas citadas abundantemente no corpo do romance. Leem-se, portanto, as cartas enviadas para Teresa por Ximena Muniz (Stilwell, 2015: 184, 317-318, 378-379, 415, 425-427, 437-439), Henrique – seu marido (Stilwell, 2015: 115, 288), Alberto – monge do mosteiro real de Sahagún (Stilwell, 2015: 146, 449-450), Elvira (Stilwell, 2015: 188, 190), mas também uma carta enviada por Teresa para Diego Gelmirez – o bispo de Santiago de Compostela (Stilwell, 2015: 414). Estes breves momentos epistolográficos, embora ligeiramente anacrónicos, dão um toque mais íntimo à narrativa. O mesmo efeito é criado pelo uso da linguagem viva e de cenas que mostram a vida privada das personagens, objetos cotidianos, etc. Por outro lado, estes mesmos recursos fazem com que

o texto perca a credibilidade histórica. Refiro-me sobretudo aos elementos românticos, incluindo cenas de sexo próprias da literatura cor de rosa, e à linguagem demasiado viva – um “Deixa-te de dramas” (Stilwell, 2015: 366), posto na boca da rainha de Leão e Castela parece não ter fundamentos histórico-linguísticos.

Na narrativa de Stilwell mostra-se uma mulher ambiciosa, apaixonada, cheia de energia e, sem dúvida, diferente dos padrões *tradicionais* do feminino⁷, mas igualmente boa mãe, boa esposa e irmã. D. Teresa (d)escrita por Stilwell quer governar e tem as suas ambições políticas, mas ao mesmo tempo cuida dos seus filhos, amamenta-os sem recorrer à ajuda de uma ama de leite e chora pela sua morte (nomeadamente a morte do herdeiro-varão, Henrique), auxilia o(s) seu(s) marido(s) e mantém relativamente boas relações com os seus parentes. Dir-se-ia uma verdadeira *mulier fortis*. Acresce que D. Teresa, tal como outras personagens do romance – tanto femininas como masculinas, é guiada pelos seus interesses, desejos, paixões e não é imune à influência dos seus entes queridos, amigos e conselheiros. Portanto, embora a personagem de D. Teresa seja visivelmente pautada pela releitura da imagem *tradicional*, Isabel Stilwell consegue não cair no logro de um branqueamento levado ao absurdo. A imagem de D. Teresa que resulta desta releitura é relativamente positiva, mas baseada na pesquisa e não na pura fantasia. O romance cumpre portanto as regras básicas “impostas” ao romance histórico: a ação localiza-se no passado remoto onde a História se mistura com a ficção e as fontes lacunárias se veem preenchidas pela imaginação da autora (cf. Marinho, 1999: 11-12).⁸

Estaremos, portanto, perante um romance histórico de cunho tradicional só que focalizado na mulher? Talvez, mas note-se que o romance, embora em termos formais bastante conservador, contém largos momentos dedicados ao acto da escrita e à sua falta de inocência. A implicação ideológica da escrita histórica é desmascarada sobretudo

⁷ O que aliás se vê sublinhado no texto como razão para o desprezo de certos quadrantes (*vide* por exemplo Stilwell, 2015: 269).

⁸ Por outro lado, note-se que, como destaca José Mattoso, mesmo no caso dos estudos históricos “não se pode traçar a biografia de uma personagem medieval sem uma grande dose de imaginação” (2006: 9).

no trabalho do cronista Alberto, o suposto autor de *Las Crónicas Anónimas de Sahagún*. O leitor presencia o seu trabalho e assiste literalmente ao acto da criação do passado, já que “são os monges que escrevem a História” (Stilwell, 2015: 168) pelo que, de acordo com o romance, a História não constitui uma recriação precisa e fiel daquilo que aconteceu. Diga-se de passagem que a reflexão sobre o papel da História e a sua transmissão textual é precisamente um dos marcos do romance histórico pós-moderno (cf. Hutcheon, 1991: 5, 16, 93).

A este respeito, destacam-se igualmente a pluralidade polifónica dos discursos sobre a mesma pessoa e a questão da perspectiva que, no caso do produto final, uma crónica, depende daquilo que o autor deseja guardar. Vemo-lo sobretudo quando no romance se sublinha que ao passo que *Las Crónicas Anónimas de Sahagún*, uma crónica ligada à corte castelhano-leonesa, defende os interesses da ascendência de Afonso VI, *La Historia Compostelana*, a crónica escrita para o bispo compostelano Diego Gelmirez, inimigo de Teresa, é gerida pelos interesses políticos do bispo (Stilwell, 2015: 283):

Diego era inteligente de mais para se mostrar ofendido, mas Teresa susurrara à irmã: «Podes ter a certeza de que já comprei mais um prego para o meu caixão.» E o caixão, tinha ela a certeza, era a crónica que o assessor do vaidoso bispo escrevia afanosamente. «Felizmente acredito que Alberto me tratará com mais generosidade», suspirara (Stilwell, 2015: 283).

Noutro momento são-nos revelados os pensamentos do próprio Alberto o qual efetivamente pensa sobre a crónica que fará um dia e fala de maneira carinhosa sobre as personagens históricas do seu ambiente circundante: Urraca, Teresa e outras (Stilwell, 2015: 145).

A pluralidade dos discursos sobre o passado é sublinhada diretamente pela própria autora na nota final, quando ela realça que procedeu à criação da “«sua» Teresa” e convida igualmente os leitores a procurarem no romance as suas variantes da História (Stilwell, 2015: 503). Ora a autora reconhece que a sua versão está escrita em cima da *versão oficial* como uma espécie de palimpsesto, mas, pode haver igualmente outras versões a conviver com a sua. Note-se a este respeito que no romance nos deparamos com o desejo de mostrar

acontecimentos de diferentes ângulos, várias *verdades*. Por exemplo no caso do conflito entre D. Teresa e D. Afonso Henriques os antecedentes são analisados de diferentes perspectivas e por várias vozes (Stilwell, 2015: 379, 488).

Ora, é de realçar que a consciência da pluralidade dos discursos sobre o passado junto com o jogo entre a *verdade* e a ficção e o reconhecimento da falta de inocência da História, como também da coexistência de várias vozes polifônicas são os eixos da chamada “*historiographic metafiction*”, i.e. o romance pós-moderno focalizado no discurso historiográfico (cf. Hutcheon, 1991). Consoante os estudos de Linda Hutcheon, os romances históricos pós-modernos apoiar-se-iam precisamente nas “verdades e mentiras” presentes nas fontes históricas (1991: 114).

Neste aspeto, a literatura e a História parecem ter muitos pontos em comum. Como diz Linda Hutcheon, “Historiography and fiction are seen as sharing the same act of refiguration, of reshaping of our experience of time through plot configurations; they are complementary activities” (1991: 100). Também os próprios historiadores, a saber Hayden White, têm estudado a interligação entre a História e a literatura, destacando as componentes ficcionais inerentes ao próprio acto da escrita (White, 2010, compare também Marinho, 1999: 16-17). Esta consciência parece sobressair das páginas do romance de Isabel Stilwell.

Destaque-se portanto que Isabel Stilwell, recorrendo às ferramentas próprias do romance histórico tradicional, mas com uma consciência singular sobre as implicações da escrita histórica, envolve literalmente o passado numa dinâmica própria de um romance. Desta maneira ela alude às tendências atuais do discurso relacionado com a História a nível académico e literário.

Conclusões

“Os escritores modernos, empenhados em salvar a reputação moral de D. Teresa como mulher, esqueceram-se de lhe fazer justiça como rainha ou regente de Portugal” (Herculano, [1846] 2007: 255) – disse

Alexandre Herculano no já citado excerto da *História de Portugal*. Isabel Stilwell nem tenta “salvar a reputação moral” da rainha. Salva, sim, uma outra variante da sua história baseada na história das mulheres e consciente das implicações políticas da História e, mesmo que às vezes seja ingénua, não lhe podemos negar um certo intuito didático. Podemos pensar, então, neste romance, talvez, como uma obra de divulgação escrita por uma “jornalista do passado” (Stilwell, 2015b: 9) e destinada a mostrar as proezas da historiografia recente a um público geral. Estaremos portanto perante uma obra literária que une várias tradições da escrita relacionada com a História.

Referências bibliográficas

- AMARAL, L. C, BARROCA, M. J. (2014), *A condessa-rainha Teresa*, Círculo de Leitores, Lisboa.
- BARROS, J. de (1628), *Década Terceira da Asia de Ioão de Barros dos Feitos que os Portugueses Fezerão no Descobrimento & Conquista dos Mares & Terras do Oriente*, Impressa por Jorge Rodrigues, Lisboa.
- BRANDÃO, A. (1632), *Terceira parte da Monarchia Lusitana que contem a Historia de Portugal desde Conde D. Henrique, até todo o todo o reinado del Rey Dom Afonso Henriques*, Impressa por Pedro Craesbeck, Lisboa.
- CASSOTTI, M. (2008), *D. Teresa – A Primeira Rainha de Portugal*, A Esfera dos Livros, Lisboa.
- CAMÕES, L. VAZ de (2007), *Os Lusíadas*, introd. S. A. Benedito, notas A. Leitão, Editora Ulisseia, Lisboa.
- Chronica Gothorum* em: Herculano, A. (org.), *Portugaliae Monumenta Historica: a Saeculo Octavo Post Christum Usque ad Quintumdecimum. Scriptores. Vol. I. Fasc. I*, 1856, Academia das Ciências, Lisboa, pp. 5-17.
- Crónicas breves e memórias avulsas de Santa Cruz de Coimbra*, 2000, ed. e notas Peixoto da Fonseca F.V., s.n, Lisboa.
- DZIAŁAK-SZUBIŃSKA, A. (2016), *Hrabina Teresa w narracjach o „dziejach początkowych” Portugalii. Między czarną a białą legendą. Studium sylwetki historycznej w świetle wybranych portugalskich źródeł*

- narracyjnych do połowy wieku XVII*, tese de doutoramento policopiada, Universidade de Varsóvia.
- GALVÃO, D. (1906), *Chronica de El-Rei D. Affonso Henriques por Duarte Galvão*, ed. G. Pereira, Lisboa, s.e.
- FRANCO, J. E. (2000), *O Mito de Portugal. A Primeira História de Portugal e a sua Função Política*, Roma Editora, Lisboa.
- HERCULANO, A. (1972), *O Bobo (1128)*, rev. e pref. de Nemésio V., Livraria Bertrand, Amadora.
- HERCULANO, A. (2007), *História de Portugal. Volume I. Desde o começo da Monarquia até ao fim do Reinado de Afonso III*, notas e prefácio de J. Mattoso, Bertrand Editora, Lisboa.
- HUTCHEON, L. (1991), *A Poetics of Postmodernism. History, Theory, Fiction*, Routledge, New York–London.
- Livro das Linhagens do Conde D. Pedro em Herculano, A. (ed.), Portugaliae Monumenta Historica a Saeculo Octavo Post Christum Usque ad Quintumdecimum. Scriptores. Vol. I. Fasc. III, 1861, Academia das Ciências, Lisboa, pp. 281-390.*
- MARINHO, M. de F. (1999), *O romance histórico em Portugal*, Campo das Letras, Porto.
- MATTOSO, J. (2006): *D. Afonso Henriques*, Esfera dos Livros, Lisboa.
- SILVA, M. Santos, RODRIGUES, A. M. S. A. (2011), “Women’s and Gender History” em Mattoso, J. (org.), *The Historiography of Medieval Portugal c. 1950-2010*, Instituto dos Estudos Medievais, Lisboa.
- STILWELL, I. (2015), *D. Teresa. Uma mulher que não abriu mão do poder*, Manuscrito, Lisboa.
- STILWELL, I. (2015b), “Jornalista do passado”, *Jornal de Letras*, 5.08.2015, p. 9.
- WHITE, H. (2010), *Poetyka pisarstwa historycznego*, E. Domańska, M. Wilczyński (eds.), Universitas, Kraków.